

## Português

### Pessoas como base para construir as cidades circulares

Em um primeiro momento ao pensarmos em cidades circulares nos transportamos diretamente para a formação de redes, tecnologia e inovação. Ambiente onde temas como a mobilidade elétrica e seus positivos impactos para a descarbonização da matriz de transportes, a geração distribuída de energia e seus benefícios para a redução dos custos de transmissão ou, ainda, a recuperação de sistemas naturais como rios, parques de reflorestamento, dentre outros, surgem como pontos de debate e investimento de tempo e recursos. Ou ainda em como as estruturas da cidade são suficientemente fortes e resilientes para enfrentar os principais desafios da atualidade e das mudanças climáticas a cada dia mais presentes.

Na distribuição de energia, é fundamental pensar como a digitalização pode (e deve) contribuir para a redução de custos, melhoria das condições e qualidade de vida, mas, principalmente, novos modelos de integrações pelo Compartilhamento. Onde, por exemplo, sensores de descargas atmosféricas geram dados que compreenderão não apenas as quantidades dos raios mas as condições atmosféricas, possibilitando o melhor planejamento para dias chuvosos. Informações que, no futuro, poderão melhorar o planejamento também das estruturas públicas reduzindo danos para as cidades e salvando vidas.

Já em uma visão ampliada, a ideia de cidades também se associa muito diretamente às pessoas e territórios. Ou seja, qualquer perspectiva de evolução da circularidade demanda o engajamento e participação das pessoas como algo fundamental. Para isso, iniciativas que promovam estudos, debates e produção de conteúdo são fundamentais para conscientizar sobre a importância da circularidade em todas as frentes da sociedade, seja no meio acadêmico, setores públicos e iniciativa privada.

Exemplo interessante nasce em um dos contextos mais tradicionais, a reciclagem. Ao integrar tecnologia e economia circular a startup Green Mining tem conseguido protagonismo no Brasil. Através de seu algoritmo, mapeia pontos de geração de resíduos pós-consumo e elabora uma logística com triciclos para o recolhimento e encaminhamento para cadeia produtiva de grandes empresas. Porém, o destaque de seu modelo de negócio, que já coletou mais de 4.500 ton de resíduos, é a criação de empregos formais para os agentes de coleta, com valores e condições de trabalho acima da média da atividade, e benefícios para os doadores dos resíduos. Apoiando assim a formação de territórios que estimulam a cadeia da reciclagem.

Outra iniciativa relevante voltada a novos ciclos de vida é a parceria entre a Enel e grupos produtivos em territórios de baixa renda, em diferentes estados brasileiros. Grupos de costura e artesanato recebem uniformes e materiais para realizar upcycling e comercializar seus produtos. Incentiva a formação de redes e associações produtivas comunitárias, que passam a contar com apoio da empresa na qualificação de seus produtos, na criação de canais de venda, na formação para gestão e desenvolvimento de mercado e no possível aporte de estrutura e insumos. O programa também promove a economia circular, contribuindo para a inclusão social, o empoderamento feminino e a geração de renda às comunidades – e o trabalho justo, colaborativo e sustentável como fonte criadora de valor compartilhado. Permitindo a geração de renda, a formação de novos profissionais, logo, o desenvolvimento local.

Assim, uma cidade circular para a sua plena estruturação demanda uma visão holística da temática. Deve priorizar o envolvimento dos mais diferentes stakeholders para, de modo

inclusivo com pessoas e territórios, formar uma rede forte o suficiente para estabelecer as bases nas quais a economia circular pode ser erguer.